



ST: COTIDIANO, NARRATIVAS, MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE OS SERTÕES

Coordenador:

Dr. Wesley Rodrigues Dutra

Os sertões, para além de um espaço físico, configura-se como um “espaço discursivo”, forjado por linguagens que dão significado e contribuem para a promoção de identidades. Nessa perspectiva, memórias são agenciadas e representações lapidadas nesse processo de constituição desse espaço narrativo, memorialístico, sentimental e regional. Cinema, literatura, narrativas orais e memórias são alguns dos elementos que contribuem nesse processo de “fabricação discursiva regional”. O Simpósio Temático objetiva possibilitar a discussão de trabalhos que analisem as várias facetas discursivas sobre os sertões, o Nordeste e a Nordestinidade, como também narrativas sobre o cotidiano e as experiências dos sertanejos e sertanejas.

“O SANTO DO SERIDÓ” A REPRESENTAÇÃO DO PADRE JOÃO MARIA CAVALCANTI ATRAVÉS DOS IMPRESSOS POTIGUARES 1935-1955

Bianca Ferreira do Nascimento

Programa de Pós-graduação em História do CERES (PPGHC-UFRN)

biancageburbianca05@gmail.com

RESUMO: Objetiva compreender como se forjou a representação do padre João Maria Cavalcanti de Brito como o Santo do Seridó, através dos periódicos potiguares no recorte de 1935-1955. Discute quais foram os aspectos no contexto sertanejo que propiciaram a construção da figura de um homem como santo, a partir da utilização dos jornais como fonte, tomando as publicações dos periódicos: *A ordem*, *O poti* e o *Diário de Natal*, que denotam de inúmeras declarações dos devotos do padre, testemunhando graças alcançadas. Nesse sentido, o trabalho busca questionar as narrativas descritas, o contexto das publicações, os interesses por trás dos jornais e os papéis dos devotos. Tudo isso, buscando relacionar a uma questão de maior relevância a configuração das crenças no sertão seridoense.

Palavras-chave: Padre João Maria; Sertões; Seridó; Representação; Crenças.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo dessa pesquisa é analisar a representação do padre João Maria Cavalcanti de Brito como o Santo do Seridó, através dos jornais: *A ordem*, *O poti* e o *Diário de Natal* no recorte de 1935 a 1955. Analisaremos a relevância da memória dessa figura, ao se considerar esse como alvo de testemunhos registrados nos periódicos potiguares. É importante salientar, que buscamos questionar sobre os impasses que se deram no contexto destas publicações,



interrogar quais seriam os interesses desses jornais ao se trabalhar a imagem deste homem, bem como, compreender o papel das crenças no meio social seridoense.

Para uma melhor compreensão do exercício historiográfico evidenciamos que esse trabalho está inserido dentro da História Cultural, pois trabalhamos com a ideia da crença sertaneja que abrange aspectos religiosos, culturais e sociais. No íntimo desse campo operamos o conceito de representação com o propósito de entender as narrativas que foram produzidas acerca do padre João Maria.

A partir do uso da representação, analisaremos como foi abordado o padre nos periódicos, no intuito de se compreender como os indivíduos desse espaço entendiam a figura do padre, e como pretendiam construir a sua imagem nesse período. Com isso, questionaremos quais elementos foram responsáveis para a formação da percepção do povo seridoense, e qual seria o intuito desses jornais ao se apropriar dessas questões.

Na expectativa de caracterizar esse personagem utilizaremos como fonte o livro “Um perfil de sacerdote”, do Monsenhor José Alves Landim escrito em 1936, discorrendo sobre origens do padre, sua família, sua formação, os projetos sociais em que participou, e o contexto que perpassou na sua vida. Manuseando os periódicos como fonte nos atentaremos as notas de agradecimentos dos devotos que aparecem em um espaço denominado “graças”, que ressaltam os questionamentos dessa pesquisa acerca de sua relevância para a população seridoense.

Para a estruturação e catalogação de quais fontes seriam investigadas, recorreremos às metodologias: pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa no intuito de captar todas as menções desse recorte e depois filtrar e classificar quais seriam examinadas, e a análise do discurso para avaliar e questionar as narrativas contidas nesses fragmentos.

Contudo, buscamos possibilidades para investigar quais elementos influenciam na percepção de imagem do padre João Maria, problematizando as narrativas produzidas no meio biográfico e nos testemunhos dos jornais, questionando o interesse dos editores e a influência do contexto social dessas publicações (1935-1955). Especificamente pretende-se entender os aspectos devocionais expressos nas fontes, evidenciando a percepção da significância deste homem a ponto de ser mencionado como exemplo para o catolicismo seridoense. Nesse sentido, é importante consultar minuciosamente sua biografia como fonte de cotejo, e as fontes



selecionadas do jornal a fim de se explorar como se estruturam as narrativas, indagando se esses elementos possuem uma parcela de responsabilidade na sua figuração.

2. A CONSTITUIÇÃO DE UM SANTO NO SERTÃO

2.1 Implicações historiográficas da guinada do século XIX para o XX

De acordo com Bourdieu (2004), os campos científicos são como microcosmos relativamente autônomos. A arte, a literatura e a ciência fazem parte de um mundo que é social, e dentro desse espaço ambas obedecem a leis mais ou menos específicas, e são relativamente independentes as pressões do mundo que o envolve, uma de suas capacidades é a de se retrair “quebrar”, reduzindo de “escala” de forma específica de acordo com a necessidade.

O campo científico também seria um espaço de identificação, a definição de sua estrutura estaria a partir da distribuição do capital, seja ele social, econômico, cultural ou simbólico, proporcionando assim efeitos e autoridades. Nesse sentido, a especificidade do campo está em função dos seus métodos, das teses e das hipóteses que o conduz.

Interessa a esse trabalho o campo da História Cultural, suas raízes estão no século XVII mas foi no século XX que eclodiu uma preocupação com os aspectos que delimitaram a sua configuração. Surgindo a partir do contexto social e marcado por diversos acontecimentos políticos, econômicos, e culturais, entrou para os debates de múltiplos historiadores que vivenciaram essa inquietação. Para entendermos como esse trabalho está inserido dentro desse campo, sintetizamos uma discussão teórica do processo de sua construção, contribuições e metodologias.

Diante do contexto da década de setenta, o historiador se voltou mais uma vez a pensar sobre o fazer historiográfico. Peter Burke (2008) analisou o que denomina como “redescoberta da História Cultural”, propondo analisar de forma linear a história desse campo, discutindo suas construções, conceitos, narrativas e o diálogo com outras disciplinas. Defendendo que esse acontecimento influenciou diretamente na escrita da disciplina e de outras áreas que mantinham contato nas produções.

De acordo com o autor, a História Cultural passou por diversas fases durante sua trajetória, mas foi na década de sessenta que se houve uma atenção maior a uma cultura dita popular, que pode ser explicada por duas vertentes: a primeira por motivos de antes esse campo



ser relacionado a uma maior proximidade com a alta sociedade, e em segundo por causa do movimento da crítica ao elitismo acadêmico. Nesse contexto, os historiadores foram influenciados pelos escritos de Edward Palmer Thompson com seu estudo sobre a formação da classe operária inglesa, no qual examinou a relação da cultura popular na formação desse grupo.

O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar). (BURKE, 2008, p. 43).

Já Sandra Pesavento (2005) nos sugeriu um caminho ampliado para a visão de toda a história, pois para tal, a cultura é vista como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A cultura seria ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se admite de forma simbólica ou palpável, ou seja, se reconhece que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada dotado de uma essência e uma apreciação valorativa.

O contexto do século XX propiciou se pensar a História Cultural, pois foi nesse período que se houve uma maior reflexão da forma como o homem se expressa em seu conhecimento, crenças, artes, costumes, hábitos, produção e até mesmo nos seus modos de vida. A cultura também passou a ter mais relevância nos debates acadêmicos, compreendendo sua responsabilidade nos ritos, símbolos e valores da sociedade, fazendo sentido para toda uma comunidade em seus mais diferentes âmbitos, através da identificação desses indivíduos na forma como se veem e se representam.

Essas alternâncias provocaram nos estudiosos a necessidade de uma nova forma de fazer história, no qual deveriam alinhar-se às modernas noções de cultura, trabalhando problemas atualizados, desenvolvendo produções que percebessem o sensível, mas que também não abandonasse seu rigor científico. Nesse sentido, a história buscou acrescentar possibilidades de pesquisa para se compreender a diversidade da sociedade a partir de conceitos, como: representação, imaginário e narrativa.

Michel de Certeau (1995) destinou um capítulo para falar sobre a cultura popular, discutindo o papel dos indivíduos no espaço socioeconômico a partir dos seus cotidianos. Para o estudioso, a cultura não se dava de forma única e nem deveria ser associada como algo



pertencente unicamente aos eruditos, criticou a hierarquização pressuposta do século XIX no qual se preocupava em estabelecer níveis de cultura.

Certeau alegava que todas as culturas tinham sua importância, se dando de formas múltiplas através da percepção dos indivíduos e de como se relacionavam com o mundo, nesse sentido, ele colocou o sujeito como condutor do conhecimento que existe em seu entorno.

Sabemos, que até então a cultura popular não era utilizada como objeto de estudo, pois era considerada uma ambiguidade diante dos clássicos. Com o afastamento desses ideais, as suas noções passaram a significar: o natural, original, puro e ingênuo. Certeau ainda problematizou essas mudanças por servirem como estratégia a um jogo de interesses, pois como essa temática já não significava uma ameaça, sofreu uma transposição de sentidos a partir do momento que se tornou conveniente.

Acrescentando essa discussão o autor ainda ressaltou sobre como o indivíduo em seu cotidiano se torna detentor de poder, que esse mesmo sem intencionalidade dispõe de influência. Nesse sentido, compreende-se que na sociedade acontecem lutas entre diferentes perspectivas e que ambos os lados possuem suas capacidades mesmo que se manifestam de formas diferentes. Constantemente esses indivíduos não percebem essa manifestação, pois ela acontece no dia a dia em suas atividades frequentes.

Nessa compreensão de uma cultura popular e o funcionamento do sistema de poder, o estudioso nos chamou atenção para a composição da religiosidade alegando que os indivíduos acabam se apropriando de suas crenças, as utilizando como recurso para expressar seus interesses e manifestar seu descontentamento, ou até mesmo protestar contra o regimento do mundo.

A religiosidade nesse espaço de lutas se configura como uma oportunidade de manifestação contra o que ele chama de “a ordem das coisas”. “Um uso popular da religião modifica-lhe o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência.” (CERTEAU, 1995, p-78). O caso mencionado pelo autor trata-se da devoção ao Frei Damião no qual a analisou como uma apropriação da religião católica dita oficial, dando novos sentidos a partir das vivências de seus fiéis e não somente seguindo as regras de uma instituição. Isto seria uma apropriação da ordem para refutar a própria ordem.



Entende-se que as práticas cotidianas discutidas por Certeau se dão justamente no viés cultural através de um conjunto de procedimentos, costumes, ritos, crenças e comportamentos que acabam se dando como resistência ao sistema que rege as regras. Desse modo, compreende-se que o ato de acreditar não é passivo, o indivíduo que se mobiliza em função de dada crença executa um ato de inquietação a configuração do mundo e as coisas que o movem.

Refletindo sobre essas discussões, interpreta-se que o presente estudo sobre o padre João Maria está dentro da História Cultural, pois as experiências humanas vividas no Seridó propiciaram modos particulares em sua prática religiosa. A configuração desse modo viabilizou a apropriação da religião católica “oficial” em determinado espaço, e permitiu com que se houvesse uma crença em determinado homem que até então não havia sido canonizado, assim como o frei Damião um ideal que foge à “regra”. Antes da igreja o povo já o tinha nomeado como santo, se denunciando como detentores de poder no âmbito das crenças com as escolhas dos seus santos.

2.2 Discussões bibliográficas

Geralmente, as produções que objetivam a vida do Padre João Maria são suas biografias, o livro mais conhecido foi escrito em 1979 que tem por título “Esboço biográfico do Pe. João Maria”, do Monsenhor Eymard Monteiro, mas a primeira obra foi escrita pelo Monsenhor José Alves Landim redigido em 1936 denominado “Um perfil de sacerdote”. Também existem outras biografias conhecidas a respeito do padre, como: “Padre João Maria, Subsídios para História” de Pedro Soares de Araújo Filho, organizado em 2013, e “Padre João Maria” de Boanerges Soares publicado no ano de 2015.

Outra importante publicação refere-se a uma transcrição de seminário com o título “Bom dia Padre João Maria”, com a discussão de professores, alunos e pesquisadores que revisaram temas importantes acerca desse indivíduo. Esse livro faz parte da coleção Patrimônio Cultural Potiguar – livros norteados pela política de valorização da cultura potiguar, o enfoque da coleção seria o de abordar questões importantes que demarcaram a composição de sua figura histórica.

Dentre as contribuições desta obra, distingue-se a transcrição da fala da cientista social Irene de Araújo Van Den Berg que possui experiência na área de antropologia, ênfase em



antropologia da religião, atuando principalmente nos seguintes temas: religião, tradição, cultura popular, ensino Religioso, história das religiões e memória. Atenta-se a sua discussão, pois esta foge de uma narrativa biográfica acerca do padre, apresentando argumentos que demarcam perspectivas importantes sobre o entendimento do que é santidade para o Seridó e sua configuração no espaço social.

Van Den Berg defendeu que a devoção e as práticas devocionais estão estreitamente ligadas a um contexto popular. Nesse sentido, a construção de crenças pressupõem noções que estão para além do sentido religioso, ou seja, dos aspectos que envolvem e entornam o meio social dos sujeitos.

O campo religioso requer um cuidado ao perceber como se tecem as relações internas externamente, pois suas lógicas não são restritas a um universo sagrado, elas ultrapassam esse espaço e ingressam dentro de um universo de uma lógica social, de questões políticas e de questões diretamente ligadas a um contexto da sociedade. (VAN DEN BERG, 2008, p-42).

O resultado das percepções do indivíduo estão estritamente ligados ao seu cotidiano, nesse sentido as práticas do dia a dia fomentam suas individualidades culturais e religiosas. Os discursos e os testemunhos que vão se produzindo no decorrer do tempo permitem que sejam concebidos representantes da santidade, em que a sociedade recebe parcelas de responsabilidade na construção de uma figura. Assim como Certeau, Van Den Berg argumentou que não é a primeira vez que se há uma apropriação da religião “oficial” para criar seus próprios santos, essa forma de devoção já está enraizada entre outros segmentos populares neste mesmo espaço seridoense.

Portanto, entende-se que a composição de dada crença pode ser explicada a partir do contexto vivenciado pelo indivíduo, situando-se a partir da identificação dos fiéis e suas relações sociais. As biografias do padre demonstraram como a sua vida foi marcada por momentos de crise social; seca, miséria e a moléstia da varíola, o que pode explicar sua transfiguração como um santo.

Em um trabalho científico o autor Antônio Ferreira de Melo Junior (2013), que utilizou como fonte os periódicos: *A ordem e a república*, observou entre as notícias a divulgação do esboço biográfico elaborado pelo monsenhor Landim. De acordo com o autor, as investidas do jornal sobre essa obra teriam o interesse em disseminar a figura do padre como exemplo



católico, o intencionando como modelo em uma projeção de santidade a fim de apaziguar o contexto político e social da década de 1930.

Já os escritos de Renato Amado Peixoto (2021) trouxeram questões pertinentes e relevantes sobre o papel político e social que a igreja católica obteve no início do século XX, que coincide com a fonte do jornal *A ordem* e o recorte temporal de 1935 (ano do lançamento do jornal no Rio Grande do Norte). Este problematizou o que foi chamado de ‘Boa Imprensa’, em que o autor explicou que foi uma tentativa da igreja católica em mediar o âmbito religioso, político e social da época.

2.3 Fontes e metodologias

Os periódicos utilizados nesta pesquisa como fontes serão explorados a partir das denominadas graças, estas eram exibidas em uma caixa de texto em variadas posições no jornal com o enunciado “Graça”, trata-se de um espaço destinado para a publicação de testemunhos seguido de nome, data e às vezes endereço. Acredita-se que esse espaço ao ser dedicado a uma exibição de crenças, entrelinhas, manifestou aspectos da crença sertaneja exprimindo características de santidade a um indivíduo em específico que até então não tinha sido reconhecido pela igreja católica.

Para se trabalhar com jornais, traçamos limites, entendendo que os colunistas que tratavam de registrar as graças, esboçaram também sua percepção a respeito do padre e do clero. O periódico é capaz de fornecer relatos e enunciados, porém cabe ao historiador problematizar partindo do seu objetivo, é através deste questionamento que se faz possível analisar as percepções que os indivíduos tinham para com a figura do padre João Maria.

Ao analisar esse espaço dedicado aos testemunhos nos jornais: *A ordem*, *A república* e o *Poti* no recorte de 1935-1955 foram encontradas 57 graças ao padre. Busca-se compreender como este espaço foi utilizado através de indivíduos que tinham como premissa testemunhar sua fé no determinado “santo” e que recorreram a este como intercessor e mediador de bênçãos em diversos aspectos de suas vidas.

Pela lógica, quando o indivíduo alcançava seu objetivo recorria ao jornal como forma de dividir a sua gratidão e demonstrar sua fé no padre. Através dessas publicações, os testemunhos e ocorrências saíam do âmbito privado para o público, possibilitando que outras



peessoas tivessem conhecimento acerca do padre. Se questiona se essas graças funcionaram como divulgação de crenças e uma propagação de sua santidade.

Como neste trabalho tem como objetivo geral analisar a representação do padre João Maria como "Santo do Seridó" a partir das denominadas "graças", se investiga quais foram os aspectos da configuração das crenças sertanejas que propiciaram a construção da sua imagem. Objetivando especificamente compreender como foram forjadas as representações no imaginário seridoense, e analisar o papel dos impressos potiguares na construção imagética acerca do clero por meio da sua figura, problematizando o contexto das publicações, discutindo as tensões e as narrativas redigidas nos jornais.

Mediante a utilização da metodologia pesquisa quantitativa foi capaz de se catalogar os dados coletados nos jornais, separando as ocorrências que citam o padre em tabelas, a organização levou tempo mas favoreceu os próximos passos do trabalho. A pesquisa qualitativa permitiu selecionar e reduzir as fontes para serem avaliadas, e resultou na separação de notícias que se destacaram e que mereciam ser examinadas cautelosamente.

Para isso, se fez necessário o comportamento investigativo através da metodologia da análise do discurso, a fim de se compreender o comportamento dos indivíduos nessas publicações, refletindo justamente sobre como se deu essa construção do personagem especificamente como um intercessor de bênçãos. As utilizações desses relatos possibilitam se aproximar de quem tenha sido o padre, e questionar a sua significância para esses indivíduos que buscaram o jornal para publicar.

As fontes demonstraram uma caracterização do padre como indivíduo participativo na vida da população seridoense, alcançando um público no qual não se resumia somente os membros da igreja, porém também outros sujeitos que tiveram a oportunidade de conhecê-lo. Porém, o que mais chamou atenção neste periódico é a forma como alguns sujeitos se referiam ao padre entre as ocorrências.

2.4 Teoria da representação



Para se trabalhar com a ideia de quem foi esse personagem partimos da teoria da representação⁶³ do estudioso francês Roger Chartier, este propunha compreender o objeto para além do que é imposto, utilizando a imagem como um canal para a reflexão da memória no intuito de discutir suas variações culturais. Nesse sentido, partimos da representação de quem foi o Padre João Maria através da forma como foi retratado nas fontes, se investigando quais processos possivelmente corroboraram para o tornar alvo dessas crenças.

A teoria de Chartier surgiu como resposta ao contexto da dita crise das ciências sociais das décadas sessenta e setenta, viabilizando uma maior importância à História Cultural abrangendo as noções de diversidades e particularidades. A possibilidade da apropriação de novos objetos resultou na análise de outras fontes, bem como, múltiplas alternativas que abrangeram horizontes no campo de pesquisa, como por exemplo, o Político, Cultural e Social. Seguindo esse desfecho tornou-se possível objetivar a vida e obra de certos indivíduos considerando a relevância de seus papéis na sociedade.

Como o conceito de representação consiste em entender dois aspectos fundamentais: a memória e a imagem, se buscou entender o objeto de pesquisa utilizando as lembranças do passado assimilando a imaginação, isto significa que o fato do padre não está mais presente nesse plano fez necessário recorrer a imagem que construíram sobre ele.

Acredita-se que o trabalho do historiador não é de ditar verdades, nem selecionar o que seria invenção ou não, a intencionalidade do uso da representação permitiu que o estudioso criticasse suas fontes e compreendesse a subjetividade que existe em cada um dos “fatos”. A representação do padre João Maria enquanto homem santo partiu da análise de aspectos culturais, sociais e políticos que estão presentes nos periódicos, pois nestes documentos possuem fragmentos que podem denunciar uma memória coletiva.

Chartier ao propor a assimilação de imagens para tentar se aproximar do acontecimento, viabilizou a fundamentação das questões que norteiam essa pesquisa. O padre João Maria no recorte deste trabalho já era falecido, e mesmo após décadas de sua morte os

⁶³ A representação é o instrumento de um conhecimento imediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma “imagem” capaz de trazê-lo à memória e “pintá-lo” tal como é. A relação de representação, assim entendida como correlação de uma imagem presente e de um objeto ausente, uma valendo pelo outro, sustenta toda a teoria do signo do pensamento clássico, elaborada em sua maior complexidade pelos lógicos de Port-Royal. (CHARTIER, 2002, p. 74).



indivíduos que publicaram no jornal demonstravam acreditar em sua santificação, pois registraram suas súplicas e agradecimento por meio das graças. Diante do exposto, percebe-se que estes que intercediam supostamente foram elementos da constituição da sua imagem.

2.5 Sertões como espaço físico e cultural

Neste trabalho desenvolvemos o conceito de sertão tanto em uma perspectiva espacial como cultural, constatando seu horizonte amplo no que cerne a sua diversidade e particularidade. Se afastando das noções que perduraram por muito tempo que foi carregado de interesses, e principalmente do olhar do outro, um imaginário que foi construído para servir as práticas de ocupação realizada pelos exploradores. Com isso, neste trabalho nos atentamos às novas produções historiográficas sobre essa temática tão cara.

Compreende-se a partir de Antônio Moraes (2003), que o conceito de sertão não se define somente por características paisagísticas e climáticas, do ponto clássico da geografia o sertão não é um lugar mas sim uma condição simbólica. O autor diz o seguinte: “Trata-se de um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes nesse processo.” (MORAES, 2003, p-2).

O pensamento que perdurou do século XVI ao século XX foi a ideia de um sertão isolado, distante e diferente, como habitat natural dos selvagens e dos incivilizados, projetado como algo a ser superado, sendo apontado o atraso como seu maior problema, o que o tornou alvo de um projeto civilizatório. O conceito foi corriqueiramente definido a uma singularidade de sofrimento e atribuído a um tempo passado, um discurso que serviu e serve como argumento para as forças dominantes.

Durval Albuquerque Júnior (2014) explicou essa percepção de entender o sertão a partir de antinomias (contrários): litoral x sertão, contemporâneo x passado, moderno x atrasado. Esse discurso propiciou que somente em pronunciar o conceito já se intencionasse significados desfavoráveis a esse espaço, essa construção imagética foi responsável por alimentar implicações preconceituosas com a comunidade sertaneja.

O autor pluralizou o conceito de sertão (sertões) e afirmou que existe uma multiplicidade que se dá pelo fato deste poder ser explicado a partir de diversas dimensões: físicas, materiais,



climáticas, paisagísticas, simbólicas, e narrativas, que não se dão em uma única realidade homogênea. Albuquerque Júnior explicou o seguinte;

Os sertões são contemporâneos, porque dentre outras coisas, grande parte de sua gente hoje é urbana, citadina, e mesmo aqueles que vivem no campo reivindicam e desejam o modo urbano de viver, querem as mesmas comodidades e confortos da vida urbana querem ter os mesmos direitos dos habitantes das cidades. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014, p-49).

De acordo com esse estudioso, a caracterização do sertão pela seca e pobreza só impulsionou o discurso xenofóbico, sua sustentabilidade é de interesse de quem o produz e se dá através das relações de explorações. Feito a problematização, este recomendou que haja investimentos e políticas públicas para reivindicar nesse espaço direitos contemporâneos, principiando a retratação da forma como esse espaço é visto.

No trabalho científico elaborado por Evandro Santos, Helder Macedo e Joel Andrade (2022), corroborou para a construção de possibilidades para as produções temáticas dos sertões, pesquisando a partir do universo histórico-cultural, tomando essa área de estudos a partir das diferenças, o que chamaram de a história entre-lugares.

Entende-se que a palavra sertão por muito tempo foi conceituada e ligada a um significado, porém, sabe-se que conceitos não estão definidos para sempre, principalmente quando este foi construído a partir da visão do outro. Tendo como premissa uma ressignificação dessa visão de sertão, exploramos neste trabalho os mais diversos aspectos da sua diversidade no intuito de compreender sua composição.

Contudo, compreendemos a partir das novas produções historiográficas que essa ideia de sertão como um lugar atrasado e arcaico já não recobre mais a mesma realidade, adicionando a perspectiva de um sertão plural (sertões) teorizado por Albuquerque Júnior, demonstrando qual o sertão que queremos ocupar neste trabalho.

3. CONCLUSÃO

Portanto, destacamos a importância de se estudar a vida e obra do padre João Maria, este como um homem que tem sua imagem atrelada a significados que correspondem ao espaço e cultura sertaneja. Através desta pesquisa pretendemos colaborar para as construções de



narrativas que vêm sendo desenvolvidas nos sertões brasileiros, especificamente nos referimos ao seridoense.

Pensar a história dos sertões é propor um novo olhar sobre sua importância, se distanciando da estigmatização de sua definição somente através de seu clima e paisagem. Para isso, reconhecemos sua autonomia, trabalhando sua contribuição no viés cultural, simbólico, econômico e político, apoiando essa área de concentração que é rica de possibilidades para se compreender a sociedade em um todo.

Como vimos no decorrer da leitura, situamos esse trabalho no campo da História Cultural, no qual podemos contribuir para se pensar esse campo de pesquisa a partir de determinado espaço, buscando apresentá-lo em suas particularidades e como funcionou o processo de designação de signos e significados. Pois, ao se trabalhar com a formação de uma figura popular, impacta diretamente na história da população seridoense, explorando a configuração das suas construções de representações místicas, suas tradições e mitos.

Com isso, neste trabalho levantou-se suposições e hipóteses que auxiliam na compreensão de circunstâncias que permitiram o desenvolvimento de uma visão mistificada sobre o padre. Utilizando a representação proposta por Chartier, partimos da imagem e da memória construída nos periódicos potiguares para se aproximar do passado, partindo do imaginário coletivo que ousaram testemunhar graças alcançadas em nome do falecido padre. Essas são questões que tecem esse trabalho, mediando as compreensões que foram responsáveis por notabilizar o padre João Maria como o santo do Seridó.

Portanto, essa pesquisa possui relevância acadêmica para se entender como são constituídas as figuras sagradas no Seridó, se evidenciando o contexto ambíguo do conceito sertões. Buscamos compreender a construção da representação do padre associando aos entraves do contexto das publicações e os interesses dos editores de nossa fonte, questionando os aspectos possíveis que contribuíram para sua formação como santidade, tudo isso buscando relacionar a uma questão de maior relevância o sertão.

FONTES

Hemeroteca Digital Brasileira; A ORDEM. 1935 a 1945, padre João Maria.

Hemeroteca Digital Brasileira; DIÁRIO DE NATAL. 1940 a 1955, padre João Maria.



Hemeroteca Digital Brasileira; O POTI. 1950 a 1955, padre João Maria.

LANDIM, Monsenhor José Alves. Um perfil de sacerdote. Natal: Imprensa industrial 1936.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Distante e/ou do Instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Alberto (Org.). **Culturas dos Sertões**. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 41-57.

ARAÚJO FILHO, Pedro Soares de. **Padre João Maria: Subsídios para história**”. organizados por Pedro Soares de Araújo Filho. -2.ed. Fac-similar (1906) - Azymuth, 2013.

BARROS, José D’Assunção. **O campo da história** – especialidades e abordagens. Petrópolis-RJ, Vozes, 2004. p. 9-132

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da Ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Edunesp, 2004.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CERTEAU, Michel de. A Beleza do Morto. In: _____. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papirus, 1995. p. 55-83

CERTEAU, Michel de. Relatos de Espaço. In: **A Invenção do Cotidiano** – artes de fazer. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 75-106.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**: A história entre incertezas e inquietude - Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-79

LANDIM, Monsenhor José Alves. **Um perfil de sacerdote**. Natal: Imprensa industrial 1936.

MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosado.; LUCENA, Jardelino. (Orgs.). **Bom dia Padre João Maria**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008. 198p. (Coleção patrimônio Cultural Potiguar, 2)

MELO JÚNIOR, A. F. de. Um sacerdote integral: o padre João Maria na narrativa do monsenhor Alves Landim (Natal – RN, 1933-1936). **Revista Espacialidades**, [S. l.], v. 6, n. 05, p. 216–233, 2013. [Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17610>] Acesso em: 7 nov. 2022.

MELO, Rosana Karla Bezerra. **A ORDEM**: jornal, agente cultural e estrutura ideológica no Rio Grande do Norte (janeiro a março de 1964). Natal, 2002.



MONTEIRO, Eymard L'E. **Esboço Biográfico do Pe. João Maria**. Natal / RN – 1979.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão: um “outro” geográfico. **Terra Brasilis** [Online], 4-5, 2003, posto online no dia 05 Novembro 2012. [Artigo disponível em <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/341>].

PEIXOTO, Renato Amado. Espacialidades e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. In: PEIXOTO, Renato Amado (org.). **Nas trilhas da representação: trabalhos sobre a relação entre história, poder e espaços**. Natal: EDUFRN, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

SANTOS, Evandro; MACEDO, Helder; ANDRADE, Joel. A História dos Sertões em novas perspectivas: contribuições para construção de um campo de pesquisa. In: MACEDO, Helder (Org.). **Fazendo ciência nos sertões: experiências e idealizações no Seridó**. Sobral: SertãoCult; Caicó: PPGHC-UFRN, 2022 (no prelo). [Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1N21ud-6TmWe8Th3xqTVPKBmtsyIZFPvW/view?usp=sharing>]

SOARES, Boanerges. **Padre João Maria 1922-1988**. -2. Ed. Fac- similar- Natal: Azymuth, 2015.

O AKANGATU: O USO DO PATRIMÔNIO COMO FONTE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Djalma Luiz do Nascimento Dantas
Mestrando PROFHISTÓRIA-URCA
djalma.trezeano@gmail.com

RESUMO: Este trabalho, apresenta a experiência do projeto de ação educacional em Educação Patrimonial, Akangatu, realizado na Escola Maria Cândido de Oliveira em Cachoeira dos Índios -PB. Oportunizando uma experiência de Ensino de História, que buscou analisar as relações de aprendizagem entre as representações da História ensinada, no chão da escola, por meio da apresentação dos conceitos e narrativas utilizando o livro didático e nas aulas expositivas da disciplina, que mediante o currículo podem ser entendidas como artificiais aos alunos, tendo em vista que as imagens que estão longe da sua realidade. Por esta razão, o Akangatu, buscou usar a experiência vicária dos alunos utilizando os Patrimônios por meio do estudo de caso, para a reflexão da compreensão da história ensinada como a vivenciada pelos alunos e seu pertencimento histórico.

Palavras chaves: Akangatu; Ensino de História; Educação Patrimonial.